



ARTE IMIGRANTE: inclusão, identidades e sobrevivência¹

PADILHA, Patricia Carvalho²
Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, SE

Resumo

A arte conecta, reflete o ser humano e as sociedades, e está associada à cultura - base sobre a qual os variados estilos de vida social são estabelecidos. Por isso, a cultura é a lente que nos possibilita interpretar o mundo e criar novas formas de interação social. A presença cultural no cotidiano manifesta-se, dentre outras, nas decisões econômicas, religiosas, políticas, morais, éticas, nas questões identitárias e migratórias; estas últimas, muito discutidas atualmente devido os grandes fluxos de migração pelo mundo, como o que ocorre na Venezuela. Na presente pesquisa, objetivamos realizar uma reflexão sobre a relação da arte com a identidade e as manifestações artísticas dos imigrantes venezuelanos; verificar se a arte capitaliza, integra e promove mobilidade social ao imigrante; e avaliar se ela é capaz de amenizar as dificuldades da trajetória migratória, como prover as despesas com sobrevivência do imigrante e lacunas emocionais. Partiremos da pesquisa bibliográfica, exploratória e qualitativa, fundamentando a abordagem em teóricos como Bourdieu, Canclini, Bauman, Bhabha, Ennes, Giddens, Hall, em dados e depoimentos de artistas imigrantes venezuelanos, provenientes de fontes como a ACNUR, UNICEF, Polícia Federal e o Ministério da Justiça e da Segurança Pública. Concluímos que as vivências relatadas pelos imigrantes na trajetória migratória permitiram vislumbrar a materialização da liquidez relacional e estrutural da modernidade quanto à migração; a existência de solidariedade, mobilidade social e capitalização pela arte, nas relações entre imigrantes e brasileiros; e também a expectativa e a projeção de um futuro.

Palavras-chave: Arte. Identidades. Imigrantes Venezuelanos.

Introdução

A pesquisa decorre de leituras dos estudos sobre migração do Grupo de Pesquisa "Processos Identitários e Poder (GEPPIP)", do Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe (PPGS/UFS) e tem como foco central as manifestações artísticas de imigrantes venezuelanos como meio de inclusão e sobrevivência.

¹ Trabalho apresentado no GT 01 - Migrações internacionais contemporâneas: novas abordagens teóricas e metodológicas e novos recortes empíricos e temáticos do III Seminário Nacional de Sociologia, realizado de forma remota de 08 a 16 de outubro de 2020.

² Doutoranda em Sociologia - Universidade Federal de Sergipe (PPGS/UFS). Bolsista Capes. Mestre em Direito Público e Evolução Social (UNESA/RJ). Integrante do Grupo de Pesquisa "Processos Identitários e Poder - GEPPIP/UFS". patriciacpadilha1@gmail.com



A abordagem sobre imigração, tendo como recorte os artistas venezuelanos, é justificável diante de sua atualidade e representatividade social, política econômica, jurídica, demográfica, ambiental e cultural, especialmente para o Brasil, Venezuela, e América Latina.

Quanto aos objetivos preliminares, pretendemos realizar uma reflexão sobre a relação da arte com a identidade e as manifestações artísticas dos imigrantes venezuelanos; e subsidiariamente: verificar se a arte capitaliza, integra e promove mobilidade social ao imigrante; avaliar se a arte é capaz de amenizar as dificuldades da trajetória migratória, como prover as despesas com sobrevivência do imigrante e eventuais lacunas emocionais.

Partiremos da abordagem teórica, seguida da contribuição empírica fornecida por meio de depoimentos de artistas que imigraram da Venezuela e atuam no Brasil, nas cidades de Boa Vista/RR, Manaus/AM e Fortaleza/CE (via reportagens e postagens realizadas por jornais, pela ACNUR, UNICEF, Polícia Federal, Fundo de População das Nações Unidas para jovens e mulheres, e pelo Ministério da Justiça e da Segurança Pública).

Organizamos o artigo em três capítulos; o primeiro abordará “a arte e o ser humano”, sob uma perspectiva da cultura, da diversidade, do direito e das identidades; o segundo tratará dos “artistas venezuelanos”, onde apresentaremos noções sobre os aspectos culturais da Venezuela e dados da migração venezuelana; o último capítulo versará sobre a “a arte como elemento integrador e de sobrevivência”, discutiremos pontos pertinentes à “arte como capital de inclusão”, a “sobrevivência pela a arte” e as “vivências na trajetória migratória”; na sequência, demonstraremos os resultados, as considerações finais e as referências.

A metodologia utilizada foi exploratória, documental e qualitativa, por meio da qual, analisando as teorias e os relatos dos artistas venezuelanos sobre sua trajetória migratória, constatamos que: há uma liquidez nas relações e nas estruturas envolvidas no contexto social em que os imigrantes estão inseridos; existe uma “abertura” para a inclusão, que viabiliza o desenvolvimento da arte pelos venezuelanos (e em alguns casos sobreviver exclusivamente dela); a arte é utilizada como um capital social que permite realizar “trocas” culturais e ter mobilidade social - que inspira suas projeções para o futuro; o exercício da atividade artística torna menos “árdua” a vida fora do seu país.



1. A arte e o ser humano: cultura, diversidade, direitos e identidades

A arte é uma forma de expressão humana que encontra registros desde a Pré-História³ (EDUCA MAIS BRASIL) e apresenta-se através de diversas formas e linguagens. Atualmente considera-se que existam onze tipos de arte: música, dança, pintura, escultura, teatro, literatura, cinema, fotografia, história em quadrinhos (HQ), jogos eletrônicos e arte digital (CULTURA GENIAL).

O conceito de arte pode estar registrado em dicionário, pelo qual “arte” é

(...) um termo originado no latim que significa técnica/habilidade. Em geral arte pode ser entendida como “uma atividade da criação humana, mas com valores estéticos já citados, como beleza, equilíbrio, harmonia, dentre outros. Arte é, por assim dizer, um reflexo da essência e condição social/cultura do ser humano” (CULTURA GENIAL).

Como também pode ser definido pela teoria, como a de Wladyslaw Tatarkiewicz, onde “A arte é uma atividade humana, consciente, dirigida à reprodução de coisas ou construção de formas ou expressão de experiências, se o produto dessa reprodução, construção ou expressão é capaz de suscitar prazer ou emoção ou choque” (CULTURA GENIAL).

Independente das definições, elas tendem no mesmo sentido e possuem em comum o registro de que a arte é um “reflexo” do ser humano, da sociedade e de sua cultura, é um elo de conexão entre pessoas. Por isso, os aspectos culturais de um povo são importantes, pois além da arte, envolvem todos os setores de atuação da vida humana.

A cultura é fundação sobre a qual os diversos estilos de vida de uma sociedade são construídos; é por meio dela que podemos interpretar o mundo ao nosso redor e constituirmos novas formas de interação social, encontrarmos respostas para demandas, e orientações para decisões na vida. Canclini (2005, p. 41) define cultura como “o conjunto dos processos sociais de significação ou, de um modo mais complexo, a cultura abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social”.

³ os primeiros registros foram achados na Caverna de Altamira, na Espanha, há aproximadamente 150 anos, pelo farmacêutico, botânico e arqueólogo espanhol Marcelino Sanz De Sautuola (EDUCA MAIS BRASIL).



A presença cultural no cotidiano manifesta-se por exemplo, nas decisões econômicas, políticas, religiosas, na aceitação ou repúdio de valores morais e éticos, etc., e por ter esse alcance e influência social, as sociedades humanas possuem conflitos e diferenças devido à cultura de cada uma, seja esta material⁴ ou imaterial⁵. A cultura decorre das relações constituídas historicamente entre os indivíduos sociais e “adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade manifesta-se na originalidade e na pluralidade das identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade” e nas diferentes manifestações culturais das sociedades humanas. (Art.1º DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL). Por isso, o “indivíduo” ocupa papel decisivo na construção/reconhecimento das identidades e também na produção cultural diversificada, esta, considerada “fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade” é “tão necessária para o gênero humano como a diversidade biológica o é para a natureza - (Art. 1º DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL).

Consoante ao apresentado, a arte é considerada um bem cultural, “portadora de identidade, de valores e de sentido” tem um tratamento legal especial, que não a considera “mera mercadoria ou bem de consumo” (Art. 8º - DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL).

Dentre as normas de maior expressão da proteção à Diversidade Cultural temos a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)⁶, cujas disposições estão alicerçadas na diversidade e da liberdade - premissas pelas quais os migrantes

⁴ De acordo com art. 1.º da Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, de 16 de Novembro de 1972, é definido como patrimônio cultural material: [...] os monumentos. - Obras arquitetônicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico [...] grutas e grupos [...] Os conjuntos. - Grupos de construções isoladas ou reunidos [...] Os locais de interesse. - Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico [...]

⁵ Conforme o art. 2.º da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, de 17 de outubro de 2003, patrimônio cultural imaterial corresponde: [...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e competências que as comunidades, grupos e, eventualmente, indivíduos reconhecem como fazendo parte do seu patrimônio cultural [...] transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos [...] e confere-lhes um sentido de identidade e de continuidade, contribuindo assim para promover o respeito da diversidade cultural [...].

⁶ cujo objetivo é apresentar os princípios adotados sobre a diversidade cultural, reafirmando o “compromisso com os direitos humanos, com a promoção e a preservação da cultura”, visando estimular a diversidade cultural acessível a todos, ou seja, a que “garanta a livre circulação das ideias” e que “permita as culturas liberdade de expressão e a possibilidade de se fazerem conhecidas” - (DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL).



possuem o direito de manifestar-se artisticamente onde estiverem (respeitando os limites das leis); é o seu direito humano, decorrente da sua identidade e da diversidade (esta, considerada um “imperativo ético, inseparável do respeito pela dignidade da pessoa humana”) de “ser o que é”, “o que deseja ser”, “expor, vender, criar” sua arte, sem sofrer nenhum tipo de violência, ainda que simbólica - (art. 4º - DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL).

A dominação ou violência simbólica é entendida como uma “violência que se exerce com a cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e também, frequentemente, daqueles que a exercem, na medida em que uns e outros são inconsciente de a exercer ou a sofrer”, (Bourdieu, 1996, p. 16) e muitas vezes “os que a sofrem não a percebem” (Bourdieu, 1996).

A violência simbólica é “sútil” e “dissimulada”, tanto para manifestar-se quanto para se diagnosticar e conseqüentemente, gerar as devidas responsabilizações. Essa “camuflagem” confere eficácia a esse tipo de violência e a torna imperceptível, “esquecida” (Bourdieu, 1997), difícil de identificar.

Portanto, quando há o reconhecimento do direito à sobrevivência e à identidade pelo imigrante, e o conseqüente direito a sua manifestação artística, deve-se proteger esse direito humano e garantir que seja efetivado. Não é possível ignorar preconceito e discriminação com os imigrantes, especialmente porque o Brasil é constituído pela miscigenação de raças e pela adaptação das diversas culturas dessas raças, que partilharam suas características.

A arte e a identidade fazem “parte” do ser humano porque são constituídas por meio do compartilhamento de ideias entre pessoas de certo grupo, influenciando o entendimento relacional dos indivíduos, que ocorre por meio da alteridade. A diferença entre o “eu” e o “outro” é vital para a construção das identidades individuais ou cultural (Canclini, 2005).

No caso dos imigrantes, que enfrentam uma realidade intercultural, para compreender a re/significação identitária é importante considerar como acontecem e são gerenciadas “as diferenças, as desigualdades, a inclusão-exclusão e os dispositivos de exploração”, (Canclini, 2005, p. 53).

Além da diferença e antecedentes históricos, na re/constituição identitária de uma pessoa, também são consideradas suas vivências, personalidade, gostos, sonhos, heranças parentais, etc. Tratando-se do imigrante venezuelano, todas essas



influências podem apresentar-se de forma mais intensa devido ao contexto da diáspora, da inserção e do contato social que ele é exposto (geralmente a migração é forçada, e envolvem condições indignas de sobrevivência, discriminação, misto de muitas emoções - como medo, angústia, insegurança, esperança, etc.).

Devido aos argumentos expostos e à globalização - que afetou as estruturas estatais, o mundo do trabalho, a produção cultural, as relações entre os Estados e entre o “eu” e o “outro”, a subjetividade coletiva, enfim todo o cotidiano, (Bauman, 2005) - a compreensão das identidades passa a ser uma tarefa complexa, “passível de preocupações e agitadas controvérsias” (Bauman, 2005).

A fim de completar o estudo sobre as identidades, cabe refletir sobre a identidade cultural, que enfatiza aspectos relacionados ao nosso pertencimento às culturas étnicas, raciais, linguísticas, regionais e/ou nacionais (HALL, 2003, p.54); e também aspectos referentes à nacionalidade, etnia, raça, gênero, orientação sexual, lugar, história, religião, ideologia, política, etc.

As influências culturais e sociais podem mudar, e isso dá um caráter de continuidade na re/construção das identidades, que não são estagnadas, mas flexíveis, “(...) a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes (...) ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’” (Hall, 2003, p. 38).

Para Giddens (2006, p. 38), “a cultura é determinada como os aspectos da sociedade humana que são dinâmicos, não há sociedades estáticas, sem transformações”. Os aspectos de mudança social “são antes aprendidos do que herdados. [...] são compartilhados por membros da sociedade e tornam possível a cooperação e a comunicação. Formam o contexto comum em que os indivíduos numa sociedade vivem as suas vidas” (GIDDENS, 2006, p.38).

Outro ponto de análise na relação da arte, cultura, identidade e ser humano, trata da vida globalizada. A globalização afetou as relações culturais e as identidades, pois, antes dela as culturas diferentes não tinham muito contato, eram mais “fixas”. As interações globalizadas, cada vez mais velozes e abrangentes, impulsionaram a diversificação cultural e a conseqüente criação de conhecimentos (resultantes da interposição de culturas distintas). Conforme Canclini (2005), essas novas culturas como híbridas e multiculturais precisam ser avaliadas como uma complexidade de interações, pois as culturas não se reúnem mais em grupos fixos e estáveis e os



dispositivos de reprodução se proliferam nas relações globais (Canclini, 2011); a exemplo do exposto citamos os processos migratórios.

A globalização possibilitou a diversificação das identidades; causou o descentramento, a pluralização; induziu as pessoas a fragmentar sua identidade, a ter múltiplas identidades. A multiplicidade identitária contrasta com as perspectivas de assimilação ou a de mistura de raças e culturas - pela qual a identidade era “fixa”, e de essência individual.

A cultura é um importante instrumento para remodelar os fluxos da globalização e as dinâmicas locais (Canclini, 2005), mas também ela torna-se “uma prática desconfortável, perturbadora, de sobrevivência e complementaridade - entre a arte e a política, o passado e o presente, o público e o privado” (Bhabha, 1998, p. 245) e cada vez mais a sociedade moderna reconhece que as pessoas possuem múltiplas identidades. (FEATHERSTONE, 1997).

A fragmentação (Hall, 2003) e a liquidez (Bauman, 2008) promovem uma crise identitária “[...] vivemos atualmente numa “crise de identidade” que é decorrente do amplo processo de mudanças ocorridas nas sociedades modernas”; essas alterações “se caracterizam pelo deslocamento das estruturas e processos centrais dessas sociedades, abalando os antigos quadros de referência que proporcionavam aos indivíduos uma estabilidade no mundo social” (HALL, 2003, p. 54). Essa estabilidade, “solidez”, já não se sustenta mais, conforme Bauman (2005), no mundo moderno sólido, uma parte da liberdade era trocada pela segurança (ontológica); no mundo moderno líquido a segurança é trocada por mais liberdade (BAUMAN, 2008, p. 10). Bauman refere-se à liberdade “não necessariamente no sentido iluminista, mas no sentido da desvinculação dos marcadores e filiações identitárias unívocas ligados à idade, gênero, nacionalidade e etnia, tal como existentes no período anterior”⁷ (ENNES, 2016, p. 228).

Modernamente, a ambivalência, outrora repudiada, agora é sopesada na re/construção identitária, ela “passou a compor o conjunto de forças sociais, cognitivas e afetivas na produção das identidades” (ENNES, 2016, p. 228). A estabilidade dá espaço ao debate sobre cultura, diversidade, alteridade, e hibridismo, considerando o interculturalismo, não um “remédio” para as mazelas modernas, mas “como chave analítica para apreender e explicar as relações de

⁷ no século XIX.



poder inerentes às formas culturais de existência e relacionamento na sociedade contemporânea” (Ennes, 2016, p. 231), especialmente sobre identidades e migração.

2. Os Artistas Venezuelanos

Entendermos ser importante “situar” o leitor sobre o contexto cultural e social que fazem/faziam parte da vida dos artistas venezuelanos; apresentaremos dados sobre as características e hábitos da Venezuela, e a respeito da migração venezuelana no Brasil e no mundo.

2.1 Aspectos Culturais da Venezuela

A Venezuela possui uma cultura muito “rica”, resultante de processos de transculturação e de miscigenação de indígenas, africanos, latino americanos, europeus e estadunidenses (EDUVENEZUELA); e em geral, sua cultura assemelha-se a da América Latina (ABRAÇO CULTURAL, 2019).

Ela possui cinco regiões com características geográficas e culturais muito diferentes (CULTURAMIX, 2011): “a costa caribenha, com praias e ilhas de mar azulado; os Andes, o trecho final da cordilheira (...); Los Llanos, uma área pantanosa rica em fauna e flora; a Amazônica, (...); e a Gran Sabana, talvez a região mais típica e pitoresca do país, repleta de tepuys, tem a maior cachoeira do mundo, a Santo Angel (...)”-(ABRAÇO CULTURAL, 2019). Essa variedade do ecossistema foi inspiração e ambientação para filmes como Avatar, Up!, Dinossauro, Amor Além da Vida, Aracnofobia e Papillon (ABRAÇO CULTURAL, 2019).

Dentre as vertentes de manifestação cultural venezuelana, destacamos a religião, língua, esporte, culinária, imagem, artesanato, artes pictóricas, a música, a dança, o cinema, o teatro, a literatura (CULTURAMIX, 2011). A música Venezuelana (com influências dos africanos) abarca uma diversidade de ritmos, como a salsa, o merengue, o calypso, a gaita, a parranda e (EDUVENEZUELA).

Aproximadamente 90% da população é católica, a língua oficial é o espanhol, mas alguns habitantes falam línguas indígenas (BRASIL ESCOLA). A gastronomia decorre das tribos indígenas e dos espanhóis, “é cheia de cores chamativas e de sabores fortes” e varia conforme a região do país (ABRAÇO CULTURAL, 2019). Os



pratos mais representativos são o “Pabellón Criollo”, a “Arepa”, o “Pisillo Guariqueño” (EDUVENEZUELA).

Ressaltamos que a vaidade é uma característica notória, principalmente nas mulheres, “independentemente da classe social ou atividade profissional”. “O concurso de Miss é tão popular no país como o futebol no Brasil”, e em 2018 teve sua 65ª edição. O país possui “mais de 200 títulos de beleza, entre eles 7 títulos de Miss Universo, 6 títulos de Miss Mundo, 7 títulos de Miss Beleza Internacional, e 2 vitórias em Miss Terra”. (ABRAÇO CULTURAL, 2019). Dentre os setores mais procurados pelos imigrantes venezuelanos empreendedores, registrados no Brasil, consta a área de beleza e estética (ARAÚJO, 2019); eles também figuram como consumidores, pois investem (quando possível) em produtos e serviços dessa natureza.

Uma particularidade das produções venezuelanas é que em geral, são muito coloridas, “com cores vivas e que remetem à alegria” (CULTURAMIX, 2011).

Além dessas, outras formas de manifestações culturais fazem parte da vida dos venezuelanos, como artesanato, teatro, cinema, fotografia, escultura, literatura (prosa, a poesia, o romance e o drama), etc. (EDUVENEZUELA), mas devido à proposta de apresentar somente noções culturais, não nos aprofundaremos esse ponto.

2.2 Dados Sobre a Migração Venezuelana

A Venezuela enfrenta uma crise política, econômica e social desde 2014, aproximadamente 5 milhões de refugiados e migrantes venezuelanos pelo globo - destes, cerca de 895.000 mil solicitaram refúgio em algum país; em média 2,5 milhões estão vivendo em países nas Américas (ACNUR). No Brasil foram realizadas mais de 178 mil solicitações de refúgio e de residência temporária entre 2015 a 2019; até janeiro do corrente foram realizados 4.151 pedidos de refúgio e 3 mil de residência; atualmente avalia-se que 32 mil venezuelanos morem em Boa Vista/RR (UNICEF).

Os dados apresentados nos impulsionam e refletir sobre “como”, “onde” e “em que condições” os imigrantes sobrevivem e “como” as identidades e a cultura se manifestam.



3. Arte como Elemento de Inclusão e de Sobrevivência

O contexto social e cultural apresentado nos induz à várias reflexões sobre a arte: ela capitaliza o imigrante? “Aproxima” imigrantes e brasileiros? É capaz de amenizar as dificuldades da mobilidade - como a tristeza, a angústias, as despesas com sobrevivência? É possível a mobilidade social por meio da arte? São mais questões do que respostas, mas tentaremos clarear a reflexão a fim de contribuir para a meditação sobre as problemáticas.

3.1 A Arte como Capital de Inclusão

Arte e identidade são inseparáveis, o exercício da atividade artística, além de ser um direito indenitário, também é uma forma de praticar a cultura, ressignificá-la, mantê-la “viva”, disseminá-la. A arte “faz parte” do indivíduo, e constitui seu capital cultural.

O capital corresponde a uma relação (de poder) associado a determinado estado de forças na disputa entre indivíduos sociais. Bourdieu, partindo da ideia de que fatores primariamente não econômicos poderiam funcionar como capital no que concerne o crescimento e desenvolvimento econômico, e vice-versa, fez surgir o conceito de outros tipos de capital, classificando-os como: capital econômico (renda financeira); capital social (redes de convívio); capital cultural (educação, diplomas, arte); e o capital simbólico (honra prestígio, reconhecimento). E é por meio do capital simbólico que as desigualdades de poder se definem, e que as pessoas tentam usar a persuasão na sociedade (BOURDIEU, 1999).

Por sua vez, o capital cultural funciona como uma relação social dentro de uma economia de práticas (sistema de troca) que envolve bens materiais e simbólicos que sejam de interesse dos “jogadores” para adquirirem *status* social e poder. Ele pode manifestar-se de três formas: no estado incorporado (diz respeito às disposições duráveis do organismo); no estado objetivado (o capital cultural existe sob a forma de bens culturais); e no estado institucionalizado (o capital cultural materializa-se por meio dos diplomas oferecidos pelas diversas instituições de ensino) - (BOURDIEU, 1999).

Deduz-se que o capital cultural pode promover a mobilidade social, pois ao chegar ao Brasil o ambiente social com o qual o imigrante faz contato passa a ser o campo de disputa dos bens sociais que lhe interessa (alimentos, demais bens materiais, posições de poder e *status*, etc.). Na disputa, ele pode usar estratégias, munido dos



capitais que acumulou antes e/ou na trajetória migratória; para alguns imigrantes, esses capitais são mais eficientes (há mobilidade) para outros nem tanto (não consegue mobilidade) - (BOURDIEU, 1999).

O imigrante precisa comunicar-se para “jogar” em campo, no caso dos venezuelanos, eles dispõem do talento artístico que pode lhes permitir maximizar as formas de comunicação, por meio da linguagem visual, que assim como a linguagem verbal, também tem relação com as “singularidades da experiência”, e constitui-se em uma “relação socialmente caracterizada, na qual os receptores empregam a diversidade de seus instrumentos de apropriação simbólica”. Cabe ressaltar que em ambos os casos, “as linguagens incorporam, metáforas ligadas às representações do mundo social por elas veiculadas” (Bourdieu 1996 a, p. 25).

Nas relações pode ocorrer a mobilidade, viabilizada pelas trocas intersujeitos capitalizados, dentro dos limites que é “permitido jogar” (regras do jogo), observando-se a agência, a estrutura, a *nomos* e a *doxa*. Conforme Bourdieu, todo campo desenvolve uma *doxa* (senso comum) e *nomos* (leis gerais que o governam) - (BOURDIEU, 1999).

Quanto à dinâmica social no interior de cada campo, rege-se “pelas lutas em que os agentes procuram manter ou alterar as relações de força e a distribuição das formas de capital específico”. Na sociedade brasileira, o imigrante “joga o jogo” da sobrevivência (inter e entre campos - já que ele pode contatar vários ambientes sociais, como o laboral, da escola, da família, de amigos, de clientes, da igreja, etc.) - (BOURDIEU, 1999).

Além da mobilidade social, o capital cultural é instrumento de inclusão, pois promove o contato entre sujeitos de universos diferentes. Por tratar-se de uma relação de poder, o contato pode ser favorável ou não; a “medida” da inclusão vai depender das “barreiras” que forem superadas, “negociadas” (como a língua, o acesso às redes, o preconceito, etc). Em todos os casos, a “diferença” que causa o estranhamento pode ser capitalizado pelo imigrante se tiver a “habilidade” de converter estigma em emblema (BOURDIEU, 1999).



3.1 Sobrevivência pela Arte

A imigração mudou a rotina de Roraima, inclusive na área econômica. Na contramão do desemprego, muitos venezuelanos vêm para o Brasil “para empreender, abrir seus próprios negócios. (ARAÚJO, 2019).

Mas poucos imigrantes são empreendedores; alguns conseguem emprego formal, muitos “chegam em uma situação precária e acabam tendo que pedir esmolas nas ruas, andar com cartazes a procura de emprego”; grande maioria dos venezuelanos não conseguem empreender, nem formalizar-se, tem que “se virar”, muitos ganham a vida “conforme podem”, inclusive por meio da arte, nas ruas. (ARAÚJO, 2019).

Christhian Cona, imigrante que abriu um oficina em BoaVista/RR explica que: Há preconceito, mas também há muitos venezuelanos que resistem a aceitar que estão em outro país, com outras pessoas, e isso às vezes choca um pouco. Há muitos venezuelanos que não assimilam que é outro país e também há brasileiros que não assimilam o que é esta imigração” (ARAÚJO, 2019).

O relato de Christhian demonstra a dificuldade de adaptação e compreensão dos brasileiros e dos imigrantes sobre a diáspora, e eventuais conflitos que podem resultar dessas tensões. Nesse ponto alguns imigrantes usam a estratégia artística para inclusão e para suprir suas necessidades de sobrevivência.

Artistas imigrantes (profissionais e amadores) possuem o talento como capital para sobreviver da arte (física e psicologicamente). Física, enquanto meio para ganhar dinheiro e suprir suas necessidades de sobrevivência; psicológica, quando é o meio de satisfazer as necessidades emocionais (afastar a angústia, a tristeza, ansiedade, etc.), talvez possa ser um “instrumento terapêutico” para manter o equilíbrio emocional, suportar as dificuldades e “seguir em frente”.

Essa característica pessoal, identitária, construída por suas vivências e também decorrentes da pluralidade cultural de seu país, pode lhes ser favorável diante das adversidades que a mobilidade lhes promove, “a diversidade cultural amplia as possibilidades de escolha à disposição de todos” ela permite o desenvolvimento, não somente econômico, mas também “como meio de acesso a uma existência intelectual, afetiva, moral e espiritual satisfatória” (Art. 3º - DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL).



O fato dos artistas mercantilizarem sua arte para sobreviver não caracteriza que eles estejam tratando a arte como “mera mercadoria ou bem de consumo” (conforme repudia o art. 8º - Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural, já mencionado), ao contrário, demonstra que eles fazem a comunhão de uma expressão cultural identitária e a necessidade, esse ato é a expressão máxima da valorização da arte enquanto um bem cultural.

Os artistas venezuelanos correspondem a uma minoria que passa despercebida, músicos, poetas, artesãos, artistas circense, atores, talentos da arte gastronômica (ainda que exista controvérsia, essa área é considerada por alguns expressão artística, pois envolve formas, cores e técnica).

A agência desses homens e mulheres ao utilizar a arte como capital para inclusão e sobrevivência pode provocar sua mobilidade social e também modificações na estrutura, sobre a qual podemos citar as ações e políticas que foram desenvolvidos pelo governo Federal, por meio das forças armadas e Polícia Federal, pelo estado de Roraima, pela Prefeitura Municipal de Boa Vista, através de seus órgãos da administração direta e indireta, bem como por entidades como a ACNUR, UNICEF e Ong's, atuantes junto à população de imigrantes.

3.3 Vivências na Trajetória Migratória

A seguir apresentaremos algumas narrativas sobre vivências na trajetória migratória de nove venezuelanos (seis homens e três mulheres), partindo da Venezuela para o Brasil - cidades de Boa Vista/RR, Manaus/AM e Fortaleza/CE, no intuito de verificarmos “se” e “como” ocorreu a relação entre arte e identidade.

Rosalva Cardona, engenheira eletricista, representa um perfil raro dentre os migrantes, os com poder econômico favorável; “antes da crise, tinha vida confortável, com imóvel, carro próprios, férias todo ano no exterior”. Convencida a se mudar para Boa Vista, pelo irmão que trabalhava no programa Mais Médicos, ela veio de Puerto Ordaz em 2015, com o filho e o marido; motivada pela violência e colapso econômico em seu país. Conforme ela, “Se você via um carro atrás de você há muito tempo, já se assustava. As festas de aniversário começaram a ser feitas durante o dia, porque à noite ficou perigoso sair. Existia um toque de recolher não anunciado: às 18h ninguém mais saía de casa”. A decisão de migrar foi quando o



filho pediu para comer cereal com água, “pois não tinha leite no mercado, aquilo me impactou” (MANTOVANI, 2019).

No Brasil, trabalhou como cozinheira e foi selecionada para atuar na série "Segunda Chamada" da TV Globo, onde atua com outro conterrâneo imigrante, Gabriel Diaz. Atualmente ela e o marido vendem comida venezuelana, as “arepas de milho”, dentre outros pratos; possuem um trailer, um carrinho e uma "food bike" para eventos, além de trabalhar com *delivery* e *catering*. Trabalham aos finais de semana, em eventos, em média 14 horas por dia, e a maior motivação é o filho; além de seus sogros e pais que ficaram na Venezuela, para quem enviam dinheiro todos os meses (MANTOVANI, 2019). Jackeline Lozada, artista venezuelana de 25 anos, é um exemplo de como a arte pode dar motivação na adversidade, e como é o trabalho de acolhimento do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), para jovens e mulheres⁸.

Ela estava grávida quando veio de Puerto Ordaz, junto a seu companheiro, em 2018. Seu pai e parte de sua família já estavam estabelecidos no Brasil há algum tempo, mas um problema familiar fez com que o casal procurasse abrigo. Ela teve problemas de saúde e “no começo, depois que cheguei, eu quis voltar para o meu país, eu e meu esposo temos uma boa casa lá, mas infelizmente agora temos que pensar muito. Lá, não tenho as coisas que preciso para o meu bebê”.

Jackeline fazia parte de um contingente de 1.019 gestantes venezuelanas que foram atendidas pelo UNFPA, das quais, 56% não tinham realizado pré-natal até chegar no Brasil, uma estatística preocupante já que se trata de “duas vidas migrantes”. (UNFPA Brasil, 2019).

Na Venezuela, Jackeline desenhava com grafite em pequenos retratos, por lazer. “Nunca estudei, foi algo que nasceu comigo”. No abrigo, após doação de materiais, começou a fazer alguns quadros, sempre reproduções, que chamaram a atenção, dos voluntários e coordenadores do FPNU, quanto das pessoas locais. “Me perguntaram quanto eu cobrava, mas eu não sabia. Nunca tinha vendido nada” (UNFPA Brasil, 2019).

Ela relata que “sentiu a responsabilidade pesar”, quando lhe encomendaram a pintura do muro do Centro de Convivência. “Eu nunca havia feito algo tão grande, e

⁸ O objetivo do Fundo é “ampliar as possibilidades de mulheres e jovens levarem uma vida sexual e reprodutiva saudável, acelerar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva, incluindo o planejamento familiar voluntário e a maternidade segura e busca a efetivação dos direitos e oportunidade (UNFPA).



assim, saído da minha imaginação. Sempre fiz reproduções”. Optou por fazer um trabalho inédito, colorido, uma mulher indígena carregando as bandeiras da Venezuela e do Brasil, e uma mensagem de acolhimento e amizade. O resultado é seu maior orgulho, o símbolo de sua resiliência e criatividade, “duas forças que ela nem sabia que tinha”. Com o nascimento de sua filha ela pretende fazer uma faculdade de artes. “Seria um sonho realizado”.

O Centro de Convivência e Atendimento Psicossocial, onde está o muro pintado por Jackeline, é um projeto mantido pela ACNUR, com recursos da União Europeia e em parceria com o Exército da Salvação. O espaço é uma estratégia global do UNFPA para resposta à violência de gênero em situações de emergência, e também fortalece a rede local na proteção das sobreviventes de violência e outras violações das pessoas migrantes e refugiadas. Até o momento, o projeto, que tinha uma meta de 5 mil atendimentos, já dobrou essa quantidade, com 13 mil pessoas atendidas (UNFPA Brasil, 2019).

Victoria Marquez, imigrante venezuelana, veio para Boa Vista há três anos, com seu filho de 5 anos, seus documentos, duas malas, o equivalente a R\$ 70 em bolívares e um celular, com o qual teve a ideia de utilizar a arte e tecnologia visual como recurso de informação, renda e realização pessoal ao fazer “algo” que ajudasse outras pessoas.

“Eu percebi que tinha muita desinformação, porque falavam muito só da violência no Brasil. Muita gente acredita que aqui só se entra com passaporte, que não pode entrar criança. Foi aí que quis compartilhar o meu conhecimento”, explica sobre o canal que resolveu criar no YouTube - o Vicky Marquez - para os conterrâneos que, assim como ela, queriam fugir da crise no país (TAVARES, 2019).

Ela faz vídeos de sucesso no *YouTube* retratando como é a vida no Brasil, com informações sobre dúvidas frequentes de quem está chegando ou pretender vir, “Como é a entrada de tomada no Brasil? Quanto custa o gás? Como funciona o SUS? E o CPF, como tirar?”, etc. Pensou nisso, pois como muitos compatriotas, “não tinha muita noção sobre o valor da moeda - no dia que chegou, “descobriu que o que tinha mal dava para um dia” e também não sabia das dificuldades de encontrar emprego.

Os relatos de migração da Venezuela, em regra induzem as pessoas a imaginar que os refugiados são de origem humilde e sem educação no ensino superior, mas há



exceções, como a de Oswaldo José Ponce Peres, juiz federal em Caracas, de 51 anos. Ele veio da Venezuela motivado por perseguição política e ameaças a sua vida e de sua família, devido suas sentenças. “Muitas decisões minhas iam de encontro a muitas pessoas no governo. Graças a Deus que o presidente [Nicolás Maduro] e os mais poderosos não mexeram comigo, mas as pessoas que estavam ao seu redor queriam me atingir”, Teve que sair da Venezuela com urgência, “praticamente com a roupa do corpo”, mesmo tendo conseguido vender alguns bens, o dinheiro que conseguiu que “era muito na Venezuela, não valia quase nada aqui” (CARVALHO, 2017), por isso enfrentou muitas dificuldades.

Ele foi vítima de uma máfia que reunia estrangeiros recém-chegados no Brasil para trabalho escravo, e apesar de ter esclarecimento sobre a situação, disse que “a mudança brusca de realidade atrapalhou a avaliação do problema naquele momento” (...), “quando me dei conta da situação, vi que eu estava sendo feito de escravo”; mas ele conseguiu sair e denunciou ao Ministério do Trabalho.

Devido aos traumas e a falta de emprego, Oswaldo recorreu à música para se alegrar e sustentar a família; formado em violão clássico, toca o instrumento há 37 anos e harpa há 26 anos, apresentava-se em praças de Boa Vista e “agora eu também toco em aniversário, festas”. Ele relata que “Apesar de ser temporário, ‘eu faço com alegria. Não é fácil, mas com esse trabalho eu dou alegria para as pessoas” (CARVALHO, 2017).

Atualmente ele também trabalha de forma voluntária como conciliador na Vara Itinerante de Boa Vista (CESUL, 2019). Planeja validar o diploma, fazer a prova da Ordem dos Advogados (OAB) e “quem sabe voltar a ser juiz”, (...) “seria uma forma de agradecer o que o Brasil fez por mim”; Oswaldo acredita que depois que a crise acabar na Venezuela muitas pessoas vão querer voltar para casa, inclusive ele, mas sem esquece o que o “Brasil fez por ele” (CARVALHO, 2017).

Hugo Rojas, artista plástico de 51 anos e 35 anos de carreira, também utiliza a arte como fonte de renda. Ele divide uma casa alugada com seu filho, de 24 anos, também trabalha como caseiro em sítios, mas consegue manter-se com a venda de quadros: paga despesas e ainda manda dinheiro para sua família na Venezuela (mulher e mais dois filhos).

Ele conta que no seu país “ficou difícil pintar, o material está muito caro e as pessoas já não têm dinheiro para comprar quadros”; e que no Brasil “vez ou outra



tentaram roubar seus materiais”; mas que também já fez amizades e recebe muita ajuda e respeito desde que chegou.

Rojas relata que apesar de estar somente há seis meses na cidade, já vendeu mais quadros que em seus 35 anos, como artista, na Venezuela, o que aponta que a migração lhe promoveu ascensão profissional. Ele planeja trazer sua família para o Brasil, para ficarem todos juntos. Sobre seus sonhos, “o maior é viajar pelo Brasil expondo sua arte”, ele imagina seus quadros “em uma galeria de arte bem grande onde todos possam conhecer seu trabalho (TORRES, 2019).

Outra expressão artística que é desenvolvida pelos imigrantes venezuelanos e que vem ganhando espaço e sendo apreciada é a arte circense. Em Manaus, por exemplo, Gandhi de Jesus Hernandez, que chegou há uma semana na cidade e já se apresenta nas principais avenidas, com seus bastões, demonstra talento ao controlar os malabares de fogo, técnica que aprendeu via tutorial da internet. Ele fatura por dia em torno de 50 reais, o suficiente para custear comida e aluguel, “Gosto de me apresentar nas avenidas, pois, o fluxo de pessoas é maior. Os manauara são receptivos e tem me apoiado bastante”, afirmou.

Outros artistas circenses são os irmãos imigrantes Hélio e Fábio Perez que chegaram a Manaus em 2018, e “ganham a vida” com a arte que já desenvolviam nas ruas da Venezuela, de onde migraram “quando a situação ficou insustentável”. Autodidatas, Hélio atua com o malabares com fogo; e Fábio se equilibra na prancha, arte que ele pratica desde os seis anos. Fábio afirma que “É única coisa que sabemos fazer bem, e por enquanto, está dando para se virar em Manaus. Podemos dizer que a arte da rua salvou nossas vidas”, Conforme Hélio, a reação dos motoristas é “sempre a mesma”, alguns olham com atenção, outros registram a apresentação com celular, “é muito engraçado, pois, quem está na frente não tira os olhos de nós. Acho que é gratificante ser artista de rua, não faria outra coisa da minha vida”.

Os irmãos estão ampliando a área de atuação para além das ruas, como em aniversários, baladas e *raves*, “é uma arte que nos possibilita entreter os mais variados públicos, desde crianças até idoso”, a arte de rua sempre será a principal fonte de renda, no Brasil ou na Venezuela (PORTAL DA AMAZÔNIA, 2019).

Os relatos dos irmãos demonstram que arte além do sustento material, também promove satisfação ao artista, que “gosta” do que faz, e isso é muito importante, pois



afasta doenças psicológicas, com a depressão, comuns em situações de tensão, como a migração forçada.

O refugiado Jorge Luiz veio de Valência, na Venezuela, em 2014, para Manaus, acompanhado de sua esposa. Dormiam na rodoviária da cidade, onde, apesar das dificuldades que enfrentava, adotou a cachorrinha Jasper. Resolveram ir para Fortaleza, onde residem atualmente; “muitas pessoas em Manaus diziam para eu vir para cá, que ia ser melhor, já que é muito frequentado por turistas”.

Embora tenha começado as performances como estátua em Manaus, somente em Fortaleza a apresentação ganhou repercussão, quando começou a improvisar inspirado em um artista que acompanhava na Venezuela, e caprichar na caracterização para as apresentações, que leva em média uma hora e é toda feita por ele.

Quanto à técnica em suas apresentações, Jorge explica que não ensinou “quase nada a ela, foi natural. Eu não tinha onde deixar ela e tinha que levá-la comigo para todo lado, e acho que ela foi se acostumando. Os outros truques que a gente apresentou, eu que ensinei, foi um tempo de dedicação. Fiz um adestramento com ela aqui em casa”.

Ele foi convidado para participar do programa Caldeirão do Huck, em março desse ano, onde venceu o quadro “Gonda La Gongga”; desde então faz mais sucesso. “No Instagram, muitas pessoas começaram a me seguir, me escrevem. Na rua, as pessoas vêm falar comigo que me viram no programa e parabenizam pela conquista”. Atualmente, o perfil @cachorrinhaartistaofficial no Instagram acumula 115 mil seguidores, até o fechamento desta matéria, em 14 de março do corrente.

Jorge enviou parte do dinheiro que ganhou no programa para seu pai e sua madrasta, na Venezuela, e para o projeto que participa o Amor Animal, “como eu adotei bichinhos que viviam na rua, isso me despertou o amor pelos animais (...)” (DIÁRIO DO NORDESTE, 2020).

Quanto à análise dos resultados, verificamos que os imigrantes utilizaram a arte como um instrumento de expressão silencioso, que permite ao imigrante “dizer” ao mundo o que ele tem a falar, apresentar narrativas eivadas de simbologias, valores e representações re/construídos ao longo da trajetória migratória; além disso, obtém da arte fonte de renda.



Os relatos dos nove casos (três mulheres e seis homens) demonstraram alguns pontos comuns: a) todos mandavam dinheiro para familiares que ficaram na Venezuela; b) foram unânimes ao indicar que o exercício da arte era bom para eles, estavam felizes por terem condições de fazer sua arte, percebiam que tiveram reconhecimento do seu trabalho artístico e que a arte lhes permitia “ter contato” com os brasileiros; c) majoritariamente eles tiveram necessidades variadas na migração; d) oito demonstram ter tido ascensão em sua carreira artística desde que vieram para o Brasil - destes: em um caso houve a formalização como pessoa jurídica; em um caso o imigrante teve sua primeira oportunidade como artista; e em outro relato, o artista informou que vendeu mais quadros aqui do que durante toda sua carreira de 35 anos, na Venezuela.

No tocante aos pontos divergentes: um imigrante informou que apesar de estar bem acolhido, deseja voltar para seu país quando for possível; cinco tem a arte como única fonte de renda sua e da família; dois realizam outra ocupação remunerada, além da atividade artística; um não informou de que tipo de renda vive (se da arte ou outro tipo de atividade); dos nove, somente dois relatos informaram que já tinham redes relacionais no Brasil antes de migrar.

Considerações Finais

Entendemos que o objetivo proposto foi alcançado, ainda que algumas problemáticas não tenham sido elucidadas (o que seria inviável para a presente pesquisa, por tratar-se de um artigo) elas foram clarificadas, nos permitindo chegar a algumas conclusões.

O imigrante é capitalizado pela arte - verificamos que houve mobilidade social, e todos, integralmente ou subsidiariamente, proviam com atividades artísticas o seu sustento e de seus familiares; além disso, eles tiveram acesso ao ambiente social (ainda com algumas resistências em certos casos).

A arte é um instrumento de inclusão, pois é capaz de transcender as barreiras étnicas, culturais e geográficas, aproximando as pessoas. Devido a isso, os imigrantes puderam demonstrar sua cultura e a capacidade que eles têm para contribuir culturalmente e socialmente com o Brasil, que em sua essência é um país de diversidade.



Os imigrantes também realizaram a troca e promoveram o reconhecimento cultural, pois alguns artistas estão conseguindo espaço para além das ruas, em exposições, festas, eventos, aniversários; têm muitos seguidores nas redes sociais e até canal no *you tube*; participaram de programas de TV de notória audiência. Estes convites, ainda que sejam modestos no momento, demonstram que a arte é capaz de incluir o imigrante e viabilizar o seu desenvolvimento econômico e social.

Além do exposto, os imigrantes venezuelanos, por meio de suas manifestações artísticas conseguiram: re/afirmar sua identidade, “reavivar o elo com sua origem”, “matar” a saudade de “sua terra”; amenizar suas tensões e angústias - a atividade artística envolve o lúdico e o terapêutico, além de ser “algo” que ele “gosta” de fazer; estipularam alguns vínculos solidários.

Muitos deles recorrem à expressão artística como meio de “conforto”, “lembrança da sua terra”, “elemento de inclusão” - partindo do pressuposto de que a arte é um instrumento de comunicação que transcende limites linguísticos, grosso modo ela “fala por si”; e também é um meio de sobrevivência, trabalho e ocupação.

É evidente que isso não foi o suficiente para extinguir os conflitos relacionais, a xenofobia e discriminação, mas aponta ser um caminho pacífico de resistência, inclusão, e re/construção das identidades; já que muitos imigrantes, por estarem longe de sua casa, têm somente sua arte como manifestação do “que eram”, “do que são”, “do que querem ser”.

Por fim, acreditamos que a participação nos veículos de massa, especialmente, e as demais manifestações artísticas sejam positivas para “despertar” e sensibilizar as pessoas para o problema social migratório e talvez assim, diminuir a xenofobia e reconhecer o imigrante como pessoa de direitos, e não um intruso.

REFERÊNCIAS

ABRAÇO CULTURAL. **Você conhece esse país?** Venezuela. 07 maio 2019. Disponível em: < <http://www.abracocultural.com.br/conhece-esse-pais-venezuela/>>. Acesso em 02 maio 2020.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS. (ACNUR). **Venezuela**. Disponível em: < <https://www.acnur.org/portugues/venezuela/>>. Acesso em 02 maio 2020.

ARAÚJO, Fabrício. **Venezuelanos empreendem para recomeçar a vida em Roraima**. G1, Boa Vista/RR, 26 jun. 2019. Disponível em: < <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2019/06/25/venezuelanos-empreendem-para-recomecar-a-vida-em-roraima.ghtml>>. Acesso em 12 maio 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**. Petrópolis: Vozes, 2008.



_____. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. **O Mercado dos Bens Simbólicos**. In As Regras da Arte. Gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: dos Bens Simbólicos". In As Regras da Arte. Gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 a.

BRASIL ESCOLA. **Venezuela**. Disponível em:<<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/venezuela.htm>>. Acesso em 02 maio 2020.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Tradução Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

_____. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2011.

CARVALHO, Paola. **Juiz Federal venezuelano se refugia em RR e vira artista de rua para sobreviver**. Folha de Boa Vista, Boa Vista/ RR, 12 set. 2017. Disponível em:<<https://folhabv.com.br/noticia/cidades/Capital/Juiz-federal-venezuelano-se-refugia-em-RR-e-vira-artista-de-rua-para-sobreviver/32190>>. Acesso em 28 maio 2020.

Centro Sulamericano de Ensino Superior (CESUL) Juiz de Direito venezuelano – que refugiado no Brasil trabalhou como artista de rua - palestrará hoje no Cesul. 07 maio 2019. Disponível em:<<https://www.cesul.br/juiz-de-direito-venezuelano-que-refugiado-no-brasil-trabalhou-como-artista-de-rua-palestrara-hoje-no-cesul/>>. Acesso em 28 maio 2020.

CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL, de 17 de outubro de 2003. Paris. Disponível em:<<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguada.pdf>>. Acesso em 02 jun. 2020.

CONVENÇÃO PARA A PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO MUNDIAL, CULTURAL E NATURAL, de 16 de Novembro de 1972. Paris. Disponível em:<<https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>>. Acesso em 02 jun. 2020.

COSTA, Emilly. **Passa de 3 mil o número de venezuelanos vivendo em prédios abandonados em Boa Vista**. G1, Boa Vista/RR, 08 jan. 2020. Disponível em:<<https://g1.globo.com/rr/oraima/noticia/2020/01/08/passa-de-3-mil-o-numero-de-venezuelanos-vivendo-em-predios-abandonados-em-boa-vista.ghtml>> Acesso em 12 maio 2020.

CULTURA GENIAL. Disponível em:< <https://www.culturagenial.com/tipos-de-arte/>> Acesso em 05 jun. 2020.

CULTURAMIX. **Cultura da Venezuela**. 2011. Disponível em:<<https://cultura.culturamix.com/regional/americas/cultura-da-venezuela>>. Acesso em 02 maio 2020.

DAMA, Juliana. **Polícia Federal de RR tem o melhor desempenho administrativo do país, aponta relatório**. G1. Boa Vista/ RR, 16 mar. 2020. Disponível em:<<https://g1.globo.com/rr/oraima/noticia/2020/03/16/policia-federal-de-rr-tem-melhor-desempenho-administrativo-do-pais-aponta-relatorio.ghtml>>. Acesso em 12 maio 2020.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Da fome ao Caldeirão: conheça a história do artista de rua venezuelano que vive em Fortaleza**. 14 mar. de 2020. Disponível em:<<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/verso/online/da-fome-ao-caldeirao-conheca-a-historia-do-artista-de-rua-venezuelano-que-vive-em-fortaleza-1.2222585>>.

Acesso em 28 maio 2020.

EDUCA MAIS BRASIL. **Arte Rupestre**. Disponível em:<www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/arte-rupe>. Acesso em 05 jun. 2020.

ENNES, Marcelo Alario. **Produção da diversidade: identidades e imigração**. Revista Brasileira de Sociologia. v.4, p.217 - 286, 2016. Disponível em:<



<http://www.sbsociologia.com.br/rbsociologia/index.php/rbs/article/view/242>>. Acesso em 28 maio 2020.

EDUVENEZUELA. **O “sistema da educação” na Venezuela.** Disponível em:<<https://eduvenezuela.wordpress.com/cultura/>>. Acesso em 02 maio 2020.

FEATHERSTONE, M. **O Desmanche da cultura:** globalização, pós-modernismo e identidade. São Paulo: Studio Nobel, Sesc, 1997.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **Crise migratória venezuelana no Brasil.** Disponível em:< <https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil> > Acesso em 05 jun. 2020.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (UNFPA Brasil). **O nascimento de uma artista venezuelana.** 05 jun. 2019. Disponível em:<

<https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/o-nascimento-de-uma-artista-venezuelana> > Acesso em 02 jun. 2020.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2003.

MANTOVANI, Flávia. **Engenheira venezuelana vira cozinheira e atriz de série da Globo no Brasil.** 13 out. 2019. Folha de São Paulo, São Paulo, Disponível

em:<<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/10/engenheira-venezuelana-vira-cozinheira-e-atriz-de-serie-da-globo-no-brasil.shtml>>. Acesso em 12 maio 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural.** Disponível em:< <http://www.unesco.org>>. Acesso em 28 maio de 2020.

PORTAL DA AMAZÔNIA. **Venezuelanos surpreendem com arte circense nas ruas para sobreviver em Manaus.** 17 abr. 2019. Disponível

em:<<https://portalamazonia.com/cultura/venezuelanos-surpreendem-com-arte-circense-nas-ruas-para-sobreviver-em-manaus>>. Acesso em 12 maio 2020.

TAVARES, Vitor. **Venezuelanos que fugiram da crise fazem sucesso no YouTube retratando vida no Brasil.** BBC News Brasil, São Paulo/SP, 8 nov. 2019. Disponível em:< <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-49914346>>. Acesso em 28 maio 2020.

TORRES, Priscilla. **Artista venezuelano vive da venda de quadros em Boa Vista.** Folha de Boa Vista, Folha Web, Boa Vista/ RR, 08 fev. 2019. Variedades. Disponível em:< <https://folhabv.com.br/noticia/variedades/Cultura/Artista-venezuelano-vive-da-venda-de-quadros-em-Boa-Vista/49629>.